

Extensão universitária: uma das ferramentas para transpor os muros da universidade



Samia Nasicmento Sulaiman



Francisco de Assis Comarú

INTERDISCIPLINARIEDADES

Refletir sobre o papel da universidade brasileira, em geral, e sobre o papel da extensão universitária, em particular, parece urgente e necessário diante do aprofundamento da desigualdade social, da crise ecológica, das crises política e econômica e da pandemia da Covid - 19 que o país atravessa.

Segundo o Fórum de Pró reitores de Extensão das Instituições de Ensino Superior Públicas Brasileiras: “a extensão universitária sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade” (FORPROEX, 2012).

Se o ensino e a pesquisa possuem uma delimitação convencional e campos de incidência mais claramente definidos (e pautados), a extensão, por sua natureza, deve estar aberta para demandas concretas da sociedade, dos municípios e comunidades.

Mais do que um simples canal de comunicação com outros setores da sociedade e comunidades, a extensão universitária pode funcionar como porta de entrada da universidade para que esta possa também ser transformada, tensionando com processos predominantemente endógenos que, tantas vezes, caracterizam o ambiente acadêmico.

As ações de extensão que temos desenvolvido na Universidade Federal do ABC (UFABC), no Laboratório de Gestão de Risco (LabGRis) e particularmente nos projetos liderados pela professora Kátia Canil reverberam cinco principais diretrizes: a) Interação dialógica; b) Interdisciplinaridade e Interprofissionalidade; c) Indissociabilidade entre Ensino-Pesquisa-Extensão; d) Impacto na formação do estudante; e) Impacto e transformação social (FORPROEX, 2012, p. 29). Essas diretrizes são também um caminho para a superação das três crises da Universidade Pública, apontadas por Boaventura de Sousa Santos (2004), quais sejam, a crise de hegemonia, a crise de legitimidade e a crise institucional.

Palavras-chave: Extensão universitária; recursos humanos; gestão de risco

Chauí (2001) nos provoca no sentido de que é essencial reconhecer e mobilizar a vocação política e a vocação científica da universidade, por meio da luta por aproximar as universidades dos problemas estruturais e cotidianos extremamente complexos relacionados às populações vulneráveis, aos movimentos populares e às iniquidades sociais e políticas.

A universidade, por meio da extensão, além de contribuir direta e indiretamente com outros setores e segmentos da sociedade, ao interagir, se abre, sai de sua zona de conforto, e expõe-se à renovação e transformações em função da realidade e dos problemas concretos que a demandam. A extensão, assim, pode cumprir um papel de constituir-se como porta de entrada de uma diversidade de temas, tópicos e objetos que demandam estudos, produção de conhecimento, inovação, tecnologias sociais e aprendizagem individual e coletiva.

O cumprimento desses ciclos de interação dialógica, por meio de assessoria, projetos ou cursos, reflexão, produção de conhecimentos e formação de recursos humanos (dentro e fora da universidade) culmina, no mais das vezes, com a contribuição para formulação, monitoramento, avaliação e aperfeiçoamento das políticas públicas e políticas sociais em nível municipal, estadual ou federal.

Situando a extensão universitária na trajetória da professora Kátia Canil

Chauí (2001) nos provoca no sentido de que é essencial reconhecer e mobilizar a vocação política e a vocação científica da universidade, por meio da luta por aproximar as universidades dos problemas estruturais e cotidianos extremamente complexos relacionados às populações vulneráveis, aos movimentos populares e às iniquidades sociais e políticas.

Kátia Canil buscou, de forma permanente, orientar sua atuação acadêmica e profissional na perspectiva de práticas extensionistas que articulam ensino, pesquisa, formação de recursos

humanos nas instituições públicas (como prefeituras e órgãos governamentais), formação de estudantes de graduação e pós graduação, desenvolvimento e aperfeiçoamento de tecnologias sociais junto às comunidades vulneráveis, e incidência para aperfeiçoamento das políticas públicas nas áreas de gestão de risco, como veremos em alguns exemplos a seguir.

“*Os instrumentos cartográficos precisam fazer sentido para os técnicos municipais*” era um princípio fundamental que a Professora Katia imprimia e estimulava nos projetos de extensão de que participava. A metodologia de produção de Cartas Geotécnicas de Aptidão à Urbanização (CGAU)



Figura 1 – Oficina de Leitura e interpretação da CGAUde Caieiras, SP, elaborada pelo LABGRis/UFABC, coordenado pela Prof. Katia Canil. Fonte: LabGRis-UFABC, 2017.

em âmbito municipal, por exemplo, contava com oficinas participativas junto aos técnicos municipais de forma a alinhar nomenclaturas do mapeamento, facilitar a compreensão do instrumento cartográfico e a sua incorporação efetiva na estrutura de planejamento e ordenamento do território municipal, além de propiciar maior integração entre os técnicos e até entre os setores da prefeitura (Figura 1) que possuem pouco diálogo entre si. Estratégias essas necessárias para evitar o surgimento de novas áreas de risco associadas aos processos geodinâmicos e hidrodinâmicos, bem como para despertar a percepção de que o enfrentamento e o tratamento dos riscos demandam esforços conjuntos entre diferentes áreas do conhecimento e setores municipais (CANIL et al., 2016)

“Os moradores são atores-chave no processo de mapeamento de risco”. Com essa perspectiva, foi planejada a oficina “Mapear riscos é identificar os problemas e suas causas” do projeto de Extensão “Caminhos participativos para a Gestão de Riscos e Desastres” realizado em 2019. O diferencial na atividade foi a organização dos trabalhos em grupos com os diferentes atores sociais que incluíam os agentes de Proteção e Defesa Civil, técnicos municipais e moradores de uma comunidade em Franco da Rocha, São Paulo. Os moradores com sua vivência diária podem



Figura 2 – Oficina de mapeamento de risco participativo do Projeto de Extensão “Caminhos Participativos”, Franco da Rocha - SP. Fonte: LabGRis, 6/6/2019.

trazer informações muito ricas sobre as situações de risco, que são fundamentais para o estabelecimento de um diagnóstico contextualizado e atualizado (CANIL et al., 2021)..

“A responsabilidade na formação de novos quadros técnicos, novos profissionais que atuarão na gestão de riscos e desastres”. A extensão também era, para a Prof. Katia, um espaço de formação para graduandos da UFABC, principalmente dos cursos de Bacharelado em Planejamento Territorial, Engenharia Ambiental e Urbana e Políticas Públicas e de pós-graduandos para sua atuação extramuros (Figura 3). Desde o planejamento até a execução e avaliação das atividades

de extensão, os alunos eram envolvidos de forma protagonista e crítica em torno do seu comprometimento junto à sociedade (SULAIMAN et al., 2021).

Não apenas no discurso, mas na prática, a prof. Katia buscava a ruptura de fronteiras de conhecimento e de hierarquias de saberes, por entender há relações de interdependência dos processos de ordem natural e social assim como há relações de interdependência na construção de conhecimentos e nas mudanças socioambientais e a universidade tem inúmeros recursos materiais e humanos para atuar com responsabilidade nesse sentido.



Figura 3 – Equipe de graduandos e pós-graduandos do projeto de extensão “Caminhos Participativos”, liderados pela Prof. Katia Canil e Fernando R. Nogueira, retornando da oficina em Franco da Rocha-SP. Fonte: LabGris-UFABC, 2018.

Um legado que vai continuar

Reconhecemos, ao lado da prof. Katia Canil, o desafio e a oportunidade de se colocar em prática o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, que deve ganhar materialidade para além dos diversos documentos técnicos, jurídicos e acadêmicos do país.

Numa sociedade desigual e injusta como a brasileira, a universidade pública tem sido convocada a contribuir por meio de seus recursos materiais e imateriais para o enfrentamento das desigualdades, através da produção de conhecimentos relevantes, da formação de recursos huma-

nos qualificados e da assistência e assessoria aos diversos setores da sociedade.

Suas publicações, seus/suas orientandos/as, suas ações gravadas em fotos, vídeos e na nossa memória são um legado permanente da sua história profissional, que caracterizam sua iniciativa, idealismo, competência e senso de justiça e responsabilidade que devem pautar as ações extensionistas universitárias.

Referências

CANIL, Kátia et al. O processo interativo na elaboração da carta geotécnica de aptidão à urbanização e sua aplicação ao plane-

jamento e gestão territorial do município de São Bernardo do Campo, SP. Anais... III CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ANÁLISE DE RISCO LATINOAMERICANA, São Paulo: IPT/ABGE, 2016.

CANIL, Katia, LEITE, Marília. SULAIMAN, Samia Nascimento. Mapeamento de riscos: instrumentos e estratégias para reduzir os riscos e desastres. In: SULAIMAN, S. N. (Coord.) Caderno GIRD+10: Gestão Integrada de riscos e desastres. Brasília, DF: MDR, SEDEC, 2021, p. 90-107.

CHAUÍ, Marilena. Escritos sobre a universidade. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FORPROEX, Fórum de pró reitores de extensão das instituições de educação superior públicas brasileiras. Política Nacional de Extensão Universitária. Porto Alegre, 2012.

SANTOS, B. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. São Paulo: Cortez, 2004.

SULAIMAN, S. N., NOGUEIRA, F. R., CANIL, K., MOURA, R. B., LEITE, M. A. B. Caminhos participativos para gestão integrada de riscos e desastres: um projeto de pesquisa e extensão universitária. Santo André: EDUFABC, 2021 (no prelo)